



+ TUDO TEM SEU TEMPO:
ADOLESCÊNCIA PRIMEIRO,
GRAVIDEZ DEPOIS
COLETÂNEA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS



SECRETARIA NACIONAL DOS
DIREITOS DA CRIANÇA
E DO ADOLESCENTE

MINISTÉRIO DA
MULHER, DA FAMÍLIA E
DOS DIREITOS HUMANOS



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

Damara Regina Alves

Ministro de Estado da Saúde

Eduardo Pazuello

Secretário Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

Maurício Cunha

Diretora do Departamento de Promoção e Fortalecimento dos Direitos da Criança e do Adolescente

Luciana Dantas da Costa Oliveira

Secretária Nacional da Família

Ângela Gandra

Secretária da Gestão do Trabalho e da Educação da Saúde

Mayra Pinheiro

Secretário de Atenção Primária à Saúde

Raphael Câmara Medeiros Parente

Apoio

Ministério da Educação

Milton Ribeiro

Ministério da Cidadania

João Inácio Ribeiro Roma Neto

Elaboração

Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

Projeto Gráfico e Diagramação

ASCOM / MMFDH

Organização e Revisão

Lucas Barros Baptista de Toledo Ribeiro

Tudo de Seu Tempo: Adolescência primeiro, gravidez depois.

Coletânea de Artigos Científicos

**Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
Secretaria Nacional da Família
Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres
Secretaria Nacional da Juventude
Secretaria Nacional de Políticas de Igualdade Racial
Secretaria da Gestão do Trabalho e da Educação da Saúde
Secretaria de Atenção Primária à Saúde
Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
Ministério da Saúde
Governo Federal**

Sumário

APRESENTAÇÃO	6
Gravidez na Adolescência: Fatores Associados e Repercussões	7
Reflexões Sobre uma Educação Sexual e Afetiva Verdadeiramente Integral: Experiências em Outros Países	9
Comunicação da Sexualidade em Família: Mudança de Paradigma.....	14
O Desenvolvimento Psicológico Saudável na Adolescência e a Prevenção da Gravidez Precoce.....	17

APRESENTAÇÃO

A Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (SNDCA), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), possui a função primordial de desenvolver ações de promoção, proteção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes. Nesse sentido, a partir da instituição da Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, prevista no art. 8º-A do ECA, o MMFDH por meio da SNDCA vem articulando esforços relacionados à Prevenção Primária do Risco Sexual Precoce e da Gravidez Adolescente.

As ações deflagradas desde 2019, a partir da Carta de Compromisso para uma agenda intersetorial de prevenção da Gravidez na Adolescência, vêm sendo executadas de forma conjunta e articulada entre os Ministérios da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos; da Saúde; da Educação e da Cidadania, os quais, a partir das políticas que desenvolvem, vêm ampliando a abordagem sobre a sexualização precoce e a gravidez na adolescência.

O momento atual é de construção de uma política pública destinada a complementar as ações já desenvolvidas com foco na educação sexual e na saúde do público infanto-juvenil. O objetivo é trazer para o eixo central, a preservação física e socioemocional de crianças e adolescentes, o envolvimento das famílias, o estímulo ao estabelecimento de relações saudáveis, não violentas e a tomada de decisões responsáveis.

Na Semana Nacional de Prevenção à Gravidez na Adolescência deste ano, ocorreu o Webinário “**Adolescência primeiro, Gravidez depois**” #Tudotemseutempo, com o propósito de promover discussão técnico-científica sobre a sexualização precoce, a prevenção da gravidez na adolescência e suas consequências para toda a sociedade. Este livro é resultado da primeira edição do Webinário realizado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e pelo Ministério da Saúde, com o apoio dos Ministérios da Educação e da Cidadania.

Os temas destas palestras devem ser disseminados, a fim de auxiliar gestores públicos, famílias, profissionais da educação, da saúde e todos os atores do Sistema de Garantia de Direitos sobre a prevenção da sexualização precoce e da gravidez na adolescência.

O conteúdo deste livro aponta para a importância da transversalidade das políticas públicas, bem como para a importância de se atuar de forma articulada, desenvolvendo as habilidades e competências de profissionais, famílias e de estudantes na área em questão.

Esperamos que ele sirva de orientação para a implementação de estratégias de prevenção primária do risco sexual precoce e gravidez de crianças e adolescentes, a partir do direito de meninos e meninas à proteção absoluta e prioritária.

Boa leitura!

Gravidez na Adolescência: Fatores Associados e Repercussões

Larissa Reis

A adolescência compreende uma fase do desenvolvimento em que o indivíduo tem que lidar com inúmeras mudanças físicas, emocionais e cognitivas (Brasil, 2010). Considerando-se que o campo da sexualidade também é afetado por essas transformações, a saúde sexual e reprodutiva desses jovens tem sido uma preocupação para o campo da saúde pública (WHO - World Health Organization, 2016). Nesse contexto, destaca-se a gravidez na adolescência, a qual é definida como gravidez em meninas de 10 a 19 anos.

A gravidez na adolescência continua sendo uma questão preocupante pois pode ser muito prejudicial à saúde e ao desenvolvimento social desses jovens (Chandra-Mouli et al., 2013). Alguns fatores de risco aos quais este fenômeno tem sido associado são: iniciação sexual precoce (Crosby et al., 2015), uso de substâncias psicoativas (Hendrick et al., 2016), maior prevalência de relação sexual sem o uso do preservativo, múltiplos parceiros sexuais (Mchunu et al., 2012), baixo rendimento escolar (Boden et al., 2008), ter sofrido violência na infância (Marino et al., 2016), violência sexual (Copping et al., 2013) e violência entre parceiros (Miller & McCauley, 2013) e casamento (UNFPA, 2015).

A prevalência da gravidez na adolescência varia amplamente em todo o mundo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, aproximadamente 16 milhões de meninas de 15 a 19 anos e 2,5 milhões de meninas menores de 16 anos dão à luz a cada ano. Frisa ainda que metade de todos os nascimentos de adolescentes ocorre em apenas sete países: Bangladesh, Brasil, República Democrática do Congo, Etiópia, Índia, Nigéria e Estados Unidos (World Health Organization, 2011).

A gravidez precoce entre adolescentes tem consequências importantes para a díade mãe-filho. As mães adolescentes ficam mais propensas a ter saúde física e mental mais debilitada (Patel & Sen, 2012). No tocante à saúde física, a gravidez na adolescência está associada a alta carga de doenças relacionadas à gravidez não planejada e aos nascimentos, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência humana (HIV/AIDS) (Brasil, 2020a, 2020b; Mokdad et al., 2016), morte materna (McCarthy et al., 2014) e aborto (Sedgh et al., 2015). Em relação à saúde mental, a gravidez na adolescência está associada a ansiedade (Siegel & Brandon, 2014) e depressão (Fleming et al., 2015) o que pode levar ao suicídio (Webb et al., 2011). Além disso, filhos de mães adolescentes têm maior probabilidade de ter baixo desempenho escolar e abandonar o ensino médio, ter mais problemas de saúde, ser encarcerados em algum momento da adolescência, dar à luz na adolescência e enfrentar o desemprego como um jovem adulto (World Health Organization, 2011).

Desdobramentos na idade adulta advindos da gravidez precoce também podem afetar a dinâmica da família. Mães adolescentes têm maior probabilidade do que mães mais velhas de não ter um parceiro para apoiá-las econômica e emocionalmente, acarretando na evasão escolar para a maioria dessas jovens (Jaramillo-Mejía & Chernichovsky, 2019). Nesse sentido, a baixa escolaridade contribui para a redução de oportunidades de emprego, o que pode determinar uma

renda mais baixa para a família (Molina et al., 2010).

Considerando-se os impactos negativos que a gravidez na adolescência pode desencadear na vida dos jovens e na sociedade como um todo, as Nações Unidas instituíram como um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para a agenda 2030 o acesso universal aos serviços de saúde sexual e reprodutiva, incluindo planejamento familiar, informação e educação (UNO - United Nations, 2018). Para atingir esse objetivo, estratégias de prevenção para comportamentos sexuais de risco são necessárias.

De acordo com o Centros de Controle e Prevenção de Doenças (Centers for Disease Control and Prevention, 2012), as intervenções preventivas devem alcançar seu público-alvo antes que os eventos ocorram. Desse modo, disponibilizar informações sobre como prevenir a gravidez precoce é necessária também para os adolescentes mais novos. O Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (ERICA), estudo transversal nacional de base escolar, também frisa que a prevenção para comportamentos sexuais de risco deve ocorrer desde os primeiros anos da adolescência e constar em políticas e programas na área da saúde do adolescente (Borges et al., 2016). Nesse contexto, como a escola tem um grande poder de influência no desenvolvimento do sujeito, torna-se então um ambiente privilegiado para a divulgação e aquisição de conteúdos, como programas de prevenção aos comportamentos de risco (WHO, 2016). Vale destacar que, embora a gravidez na adolescência seja tratada principalmente como uma questão feminina, é indispensável considerar ao conceito de saúde sexual e reprodutiva na adolescência a inclusão permanente de ambos os sexos. Essa consideração é imprescindível na aplicação de estratégias de prevenção da gravidez na adolescência (Molina et al., 2010).

Reflexões Sobre uma Educação Sexual e Afetiva Verdadeiramente Integral: Experiências em Outros Países

Mercedes Figueroa

Esta apresentação durante o webinar visa, em primeiro lugar, contribuir para a discussão social sobre a importância da prevenção da gravidez adolescente assim como fomentar a pesquisa sobre trabalhos eficazes de prevenção primária que podem ser implementados como políticas públicas desde uma educação sexual e afetiva integral. Com esse objetivo, se descrevem brevemente as características de uma proposta educativa verdadeiramente integral e se recomenda, como base antropológica, a perspectiva personalista com enfoque relacional por ser considerada completa e inclusiva. Finalmente, se apresentam experiências em outros países que aplicaram políticas públicas e programas educativos de prevenção para aprender de erros e de acertos que possam orientar a elaboração de propostas eficazes e positivas que favoreçam não somente a prevenção da gravidez precoce mas também, o desenvolvimento da identidade e da plenitude pessoal das crianças e dos adolescentes.

1. IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO PRIMÁRIA: EDUCAÇÃO

Com o objetivo de visibilizar as vozes dos adolescentes e as necessidades expressadas por eles mesmos, apresentam-se dois casos concretos de sofrimento vinculado à gravidez.

O primeiro caso, exemplifica a necessidade de uma educação sexual, afetiva e preventiva que promova uma formação holística, não reducionista, que trabalhe o desenvolvimento de critérios sólidos para que os adolescentes possam ser assertivos na tomada de suas decisões pois, muito se fala em promover nas crianças a autonomia gradativa e a informação sobre seus direitos sexuais e reprodutivos mas pouco se debate sobre os questionamentos, ferramentas necessárias e espaços de reflexão prévios que os jovens precisam trabalhar com antecipação para utilizarem amadurecida e positivamente os recursos que eles tem disponíveis como sujeitos de direitos.

O segundo caso reflete a importância da presença dos pais e a conveniência de implementar um programa de educação suficientemente completo que inclua uma vasta gama de assuntos relacionados com a prevenção da gravidez adolescente como a importância dos vínculos familiares, a influência e seleção das amizades, a perda do autocontrole pelo uso de drogas e de álcool, etc.

2. EDUCAÇÃO SEXUAL E AFETIVA VERDADEIRAMENTE INTEGRAL

Após refletir sobre a necessidade de uma educação abrangente sobre estes assuntos, se apresentam propostas e questionamentos sobre o que deveria incluir um programa educativo que almeje ser preventivo, completo e verdadeiramente “integral”.

Em primeiro lugar, se questiona a visão da sexualidade que se quer trabalhar com os adolescentes já que, em muitos programas de educação sexual, se manifesta uma concepção biologicista que reduz a problemática e os vínculos humanos a uma questão exclusivamente genital ou biológica.

Propõe-se então uma base antropológica personalista que fundamenta no conceito de

“pessoa” o direito ao trato digno, respeito e igualdade entre os adolescentes, acima de qualquer diferença que possa causar preconceito, pois ser “pessoas” identifica a todos, iguala e interpela. Esta perspectiva aplicada à educação também orienta o planejamento de conteúdos que integrem todas as dimensões da pessoa humana. Não se pretende realizar uma introdução à filosofia personalista, mas se considera relevante descrever brevemente essa proposta holística que inclui o desenvolvimento das dimensões física, emocional, intelectual, espiritual e social na aplicação à educação sexual e afetiva. Desde esta perspectiva se promove também o desenvolvimento do pensamento crítico, conforme a idade, necessário para orientar a tomada de decisões, para que os jovens não realizem escolhas embasadas na ignorância, nem na repressão, mas na reflexão consciente, livre e informada no tempo oportuno.

Como segundo grande critério de avaliação de um programa, se propõe indagar o tipo de enfoque vincular que está implícito nos programas educativos. Sintetiza-se que subjazam em geral, duas grandes linhas: uma do tipo individualista-utilitarista focado frequentemente no gerenciamento do prazer próprio e na exigência dos direitos pessoais, e uma outra linha, um enfoque do tipo relacional-afetivo, que foca na importância da comunicação e dos vínculos pessoais, reconhecendo que as pessoas inevitavelmente se afetam mutuamente quando se vinculam, positiva ou negativamente, e isso pressupõe não somente um exercício de direitos mas também, de responsabilidades.

Finalizando este segundo segmento, se evidencia, através de uma experiência particular, a importância de selecionar programas de educação sexual e afetiva para serem aplicados nas escolas, bem estruturados, que apresentem um planejamento pedagógico gradual, sequencial e progressivo, que integre no processo a pais, educadores e agentes comunitários e que ofereça a qualificação profissional necessária pois existe, exemplificado com o caso apresentado, o grande risco de elaborar um plano nacional de educação sexual e afetiva em teoria “integral” que não esteja acompanhado de programas educativos que orientem a aplicação adequada e que por isso os conteúdos sejam imprudentemente ensinados de maneira isolada, reducionista e prejudicial para nossas crianças e adolescentes.

3. EXPERIÊNCIAS EM OUTROS PAÍSES

Visando aprender dos caminhos já percorridos por outros países, se apresentam brevemente algumas experiências internacionais de aplicação de educação sexual como política pública nas escolas. Suíça como pioneira junto com Espanha, México e Itália se apresentam como exemplos da complexidade que apresenta este debate social ainda não resolvido completamente na maioria dos países.

Questionam-se neste segmento, as descrições históricas tendenciosas, encontradas em diferentes artigos científicos, que polarizam este debate social entre dois setores completamente opostos, descritos como “progressistas contra obscurantistas”, “permissivos contra normativos”, etc. Eliminando todas as outras posturas “moderadas” que representam outros setores válidos da sociedade e que podem ser consideradas como “conciliadoras” nesta discussão social as vezes muito polêmica. Considera-se também importante refletir sobre a descrição pejorativa das associações de pais de família como “agentes de retrocesso”, “alarmistas”, “sem argumento”, etc., visto que, na história da educação sexual mundial existem muitos casos de Estados intervencionistas

que tentaram passar ou passam por cima dos direitos dos pais como primeiros educadores e também experiências muito negativas na aplicação de educação e políticas públicas de prevenção da gravidez que acabaram provocando justamente o efeito contrário para o qual tinham sido planejadas.

Para ilustrar uma dessas experiências negativas de aplicação de educação sexual nas escolas, cita-se o fracasso na França, comprovado pelo Executivo desse país, com o estudo chamado “Avaliação das políticas de prevenção de gravidez não desejada e apoio às interrupções voluntárias da gravidez” que examinou as estatísticas provocadas pela “Lei de Financiamento de anticoncepcionais e educação sexual nas escolas para diminuir gravidez e os abortos adolescentes” que identificou um resultado preocupantemente contrário ao objetivo proposto, pois aumentou a iniciação sexual precoce, a gravidez adolescente e o aborto.

Existe também outro estudo completíssimo realizado na Finlândia que oferece interessantes conclusões sobre políticas de prevenção que não funcionaram e outras que sim. Entre as conclusões reforça, com estatísticas vinculadas a saúde física e mental, a importância de prevenir a gravidez adolescente, a relevância de manter no sistema escolar às jovens já grávidas e a seriedade de apoiar às moças para que continuem com a gravidez até o final. Esta última conclusão foi reveladora, pois comprovaram o aumento de mortes prematuras por condutas de risco e o incremento do suicídio feminino como consequência da prática do aborto, sequelas preocupantes que, em adolescentes, não conseguiram diminuir nem aplicando “guias de saúde mental de acompanhamento pós aborto”.

4. RECOMENDAÇÕES PARA SELECIONAR UM PROGRAMA EDUCATIVO EFICAZ NA PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE

Embora existam experiências negativas, na aplicação de programas de prevenção e de educação sexual no mundo, também existem, e se citam, evidências científicas e recomendações de estudos realizados nos Estados Unidos que comprovam a eficácia de programas educativos que conseguiram positivamente diminuir a gravidez adolescente entre outras conquistas significativas (como o aumento da comunicação com os pais, maior compromisso social, etc.). Entre essas diversas características identificadas como eficazes nas propostas de diferentes programas, se enumeram questões especificamente didáticas e metodológicas mas se destacam também programas educativos que trabalharam com a promoção do desenvolvimento do pensamento crítico e da escolha, reflexiva e voluntária da abstinência como uma alternativa viável, democrática e eficaz.

Para encerrar com as experiências positivas em outros países, se ressalta a proposta chilena que inclui a comunidade educativa na escolha do programa de educação sexual e afetiva que se aplica. Fomentando o compromisso social e o trabalho comunitário, se reúnem pais, educadores e agentes comunitários para escolher um programa, entre aqueles previamente autorizados pelo Estado, que a comunidade considere mais adequado para aplicar na educação das suas crianças.

Finalmente, entendendo a complexidade do assunto e as dúvidas válidas que todos estes questionamentos e propostas podem gerar, se apresentam testemunhos de alunos de escola pública que ratificam a necessidade de este tipo de educação e o entusiasmo que gera nos jovens a perspectiva e o enfoque propostos. Salienta-se também que, como toda proposta educativa, esta

educação sexual e afetiva requer, a elaboração de um programa nacional muito bem estruturado, uma escolha muito assertiva de programas e alta qualificação profissional, educadores que queiram aceitar esse desafio... questões que não são rápidas nem fáceis de trabalhar mas que ao mesmo tempo são tão necessárias para nossas crianças e jovens que só por isso, vale a pena salientar, todo tempo e esforço dedicado sempre será útil e valerá a pena.

REFERÊNCIAS

Abellán A. (2007) *El pensamiento relacional como fundamento para una nueva teoría de la comunicación*. Disponível em http://comunicacionyhombre.com/pdfs/03_e_alvaroabellan.pdf

Alvarado Thimeos J. (2015). *Educação Sexual Preventiva em adolescentes*. Departamento de teoría de la educación y pedagogía social. Facultad de Educación. UNED. Santiago. Chile. Disponível em http://espacio.uned.es/fez/eserv/tesisuned:Educacion-ealvarado/ALVARADO_THIMEOS_Julia_Eliana_Tesis.pdf

Koch E. (2017). Embarazo adolescente y muertes prematuras. *La tercera*. Disponível em <http://www2.latercera.com/voces/embarazo-adolescente-muertes-prematuras/>

Leon. F (2012). *El personalismo como filosofía de la educación*. Universidad de Carabobo. Venezuela. Disponível em http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1317-58152012000100004

Lopez Quintás A. (2012) El logro de la plenitud personal: un nuevo método formativo. Universidad Francisco de Vitoria. Madrid. *Depósito digital UFV*. Disponível em <http://ddfv.ufv.es/handle/10641/1627>

Marques Miguez, E. (2014). *Educação em busca de sentido – pedagogia inspirada em Viktor Frankl*. São Paulo. Paulus.

Serrano. R. (2010). La «ley Aído» fracasa en Francia. *La razón*. Madrid. España. Disponível em https://www.larazon.es/historico/1515-la-ley-aido-fracasa-en-francia-QLLA_RAZON_296876/

Wasik. H. (2014). What Works for Adolescent Sexual and Reproductive Health: Lessons from Experimental Evaluations of Programs and Interventions. *Child Trends*. Washington. Estados Unidos. Disponível em <https://www.childtrends.org/publications/what-works-for-adolescent-sexual-and-reproductive-health>

Comunicação da Sexualidade em Família: Mudança de Paradigma

Dorita Porto

Não creio que o estudo à distância substituirá o presencial, mas é bem verdade que com ele, podemos chegar muito mais longe.

Percebo nos meus constantes estudos sobre adolescência e sexualidade, que há pelo menos 2 questões que têm sido muito pouco abordadas e que têm a meu ver uma importância crucial.

A primeira questão é a da **Comunicação familiar** – Nesse tema, gostaria de abordar a forma como normalmente percebemos a comunicação familiar. Há em muitas famílias, uma comunicação que poderíamos chamar de “violenta”. Não pela violência física, que também existe, mas por um hábito arraigado da nossa linguagem, de reagir em vez de agir, de julgar, antes de observar, de atacar em vez de procurar compreender, de esconder os sentimentos e necessidades, de evitar manifestar nossa vulnerabilidade.

É bastante comum no ambiente familiar, vermos mães gritando com seus filhos, colocando etiquetas como “preguiçoso”, “vagabundo”, “inútil”, “desgraçado”, no melhor dos casos.

Uma comunicação violenta, como diria o Psicólogo Marshall Rosenberg, autor da teoria denominada **Comunicação não violenta**.

Já faz algum tempo que venho me ocupando com o estudo e a aplicação prática da Comunicação não violenta.

Rosenberg se interessou pelo tema, em vista dos grandes empasses que se viu envolvido em seu trabalho. (racismo, bullying, ambientes de guerra, de violência explícita).

A CNV (assim chamamos a Comunicação não violenta) já vem sendo muito utilizada em ambientes corporativos, como uma ferramenta poderosa para atenuar os atritos, resolver conflitos, provocados sobretudo a partir da **linguagem** entre as pessoas.

Uma pergunta que motivou todo o trabalho de investigação de Marshall Rosenberg foi a seguinte:

“Por quê as pessoas se magoam tanto?”

Essa pergunta mexeu de fato comigo, passei um bom tempo refletindo sobre isso! Me aprofundi no tema e estudei por anos para ficar *expert* no assunto! Mas somente aplicar esse conhecimento me parecia pouco. Queria que todas as pessoas também conhecessem a fundo o assunto!

Foi com esse objetivo que eu elaborei um Curso com esse tema, que obteve bastante êxito. Chama-se - A TRAVESSIA- onde abordo o tema da Comunicação não violenta no ambiente familiar. Esse “piloto” me fez ver que é possível fazer chegar a muita gente um conteúdo de qualidade através da tecnologia.

Mas vejo também que existe um segundo aspecto que gostaria de levantar.

A questão da **Educação para o amor**.

O que será que significa isso? O que isso significa para os que me ouvem quando digo: Educação para o amor?

Também faz parte dos meus estudos e aplicação prática, a Educação para o amor através de cursos e palestras, e atualmente em lançamento de cursos on-line que tem sido uma ferramenta

muito abrangente. Aliás, esse será o tema do próximo curso que lançarei nos próximos meses, cujo objetivo é desmistificar alguns tabus que temos sobre o assunto!

Fala-se muito sobre educação sexual, mas na verdade, o que se propõe, na verdade, é uma educação genital, biológica.

Nada ou pouco se fala sobre o sentido da sexualidade humana, e da sua finalidade última de amor mútuo, geração e criação dos filhos.

Confunde-se amor com sexo, e considera-se apenas como sentimento e isso tem consequências desastrosas na sociedade.

Talvez muitos de vocês tenham sido educados dessa forma, mas o que eu venho apresentar é uma nova possibilidade de comunicação com nossos filhos e familiares.

O verdadeiro sentido do amor, entre um homem e uma mulher, que é antes de mais nada uma doação de si mesmo, é pouco ou quase nada conhecido para a maioria da população, sobretudo os mais jovens.

Ambos os temas, teriam muito a acrescentar em projetos nacionais ou regionais para a Prevenção à gravidez precoce.

Não nego que um trabalho de educação da população como um todo, é um trabalho a longo prazo, mas que de qualquer forma precisa ter um início.

Que bom se tivermos coragem de investir em algo que possa deixar um legado de educação e cultura no nosso país.

Porque, embora muito se fale da necessidade da educação, não podemos e nem devemos restringi-la apenas à educação acadêmica, deixando de lado a educação moral, tão necessária sobretudo às nossas crianças e jovens.

Mas como educar um país? Certamente é uma empreitada para valentes! Porque, somos quase um continente, em tamanho de território, em número de habitantes, em diversidade de culturas.

Certo, mas, alguém precisa começar. E nesse governo em que se deu esse maravilhoso espaço para a formação e desenvolvimento das famílias brasileiras, das mulheres, das crianças e adolescentes, somos obrigados a sonhar alto!

Vivemos nesse último ano, uma situação inesperada, com a pandemia, mas que também nos ensinou novas habilidades, dentre as quais o avanço do uso da tecnologia para o aprendizado.

Penso, que não seria impossível a formatação de um programa de formação on-line, que contemplasse entre outros, esses 2 aspectos, da **Comunicação familiar e da Educação para o amor** que poderia ser disponibilizado à população.

Não ignoro, que o acesso digital não é acessível a grande número de pessoas, mas poder-se-ia utilizar os espaços escolares, para disponibilizar o conteúdo para os pais.

Ou seja, como disse no princípio, precisamos começar.

Precisamos estar atentos à causa que provoca esse número tão alarmante de gravidezes em idades tão precoces, e que penaliza o país como um todo, porque faz com que as novas gerações, já nasçam prejudicadas e punidas pela falta de estrutura moral, física, emocional das novas mães, que por consequência abandonam os estudos, fazendo-as entrar num círculo vicioso de decadência moral, analfabetismo, e falta de cultura.

Chegamos finalmente ao tema essencial dessa conversa, sem tirar a importância dos demais temas abordados.

Tem muita importância compreendermos que a gravidez precoce é o RESULTADO, um SINTOMA de que algo não está indo 100% bem na educação que estamos dando aos jovens!

A gravidez precoce, já tem sido pauta de muitos projetos no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos humanos, como tenho observado.

Muito já se investiu na informação da prevenção, através da divulgação dos métodos anticoncepcionais, nos ambientes escolares e nas mídias sociais.

Mas minha visão sobre o tema recai mais no despreparo da **família da(o) adolescente**, do que propriamente na menina(o) pré-adolescente ou adolescente.

Percebo as famílias muito desprotegidas, desamparadas e mal informadas sobre o tema. E as meninas grávidas são, na verdade, fruto dessa desinformação e de certo modo vítimas do ciclo desenfreado de informações desconstruídas ou incompletas.

Em geral a mídia aponta a sexualidade humana de uma maneira bastante equivocada, sem mostrar nossa verdadeira finalidade ao nascermos sexuados.

Já sobre sexo, sobretudo na internet, são abundantes as desinformações, o que naturalmente deixa mães e filhas bastante confusas e vulneráveis.

O olhar que se tem sobre o sexo, principalmente na adolescência, não é informativo, mas defensivo.

O sexo é comparável a algo muito perigoso que devemos nos defender. E que caso o adolescente não se “proteja”, poderá ter como consequência o nascimento de uma criança.

Com certeza, uma maneira bastante deformada de vermos a realidade de uma nova vida que é repleta de dignidade.

E esta forma de apresentar o sexo, transforma o tema em “tabu”, pouco ou nada midiático, e num convite a praticá-lo às escondidas e sem uma valorização moral.

O amor antes de mais nada é eleição, doação, entrega! Mas o que nossos adolescentes ouvem é que o amor é sentimento, é curtição e é sexo.

Não me parece justa a informação que nossos jovens recebem. Quando muito deveriam receber as 2 informações, a fim de que pudessem optar por aquela que mais lhes fizesse sentido.

Verificamos ainda, que nos pais e mais especificamente nas mães, sobre quem recai a necessidade de formar moralmente suas filhas, nota-se uma grande dificuldade de lidar e falar sobre esse tema.

Nesta palestra que me foi designada, pensei em levantar esses aspectos, que não costumam constar dos programas de governo, mas que se fazem bastante necessários, e que poderiam ser incluídos nos atendimentos às famílias.

Sobretudo nesses tempos de pandemia, quando muitas pessoas entraram em maior contato com a tecnologia, vemos uma luz no fundo do túnel, no tocante à educação da sexualidade.

E eu gostaria muito IMPACTAR os que me escutam com esse outro ponto de vista sobre o assunto.

Abriremos os olhos para novas possibilidades de se abordar o assunto! Sem medo e sem receios, com muita preparação emocional dos pais e dos filhos, e na busca constante de conhecimento para nos dar mais segurança como pais e educadores de nossos filhos.

Afinal investir na educação dos nossos filhos é o melhor patrimônio que se deixa como herança!

O Desenvolvimento Psicológico Saudável na Adolescência e a Prevenção da Gravidez Precoce

Healthy psychological development in adolescence and early pregnancy prevention

Élison Silva Santos

Resumo

A gravidez precoce e outros comportamentos de risco na adolescência representam um desafio para pais, professores, cientistas e o poder público. Há uma grande valorização acerca dos aspectos biológicos que configuram os riscos para a saúde física das mães e dos bebês. Contudo, os aspectos psicológicos e existenciais não são tão disseminados para a população em geral através de políticas públicas. Este estudo visa elucidar a necessidade de promoção do desenvolvimento psicológico saudável na adolescência como principal fator de prevenção da gravidez precoce. Através da revisão de literatura verifica-se que os pais e educadores desempenham um papel determinante na prevenção de comportamentos de risco do adolescente. Observa-se também que uma educação integradora da sexualidade humana que considere a capacidade de amar, o sentido da vida, a compreensão da corporeidade e do lugar do adolescente no mundo exerce grande influência para o desenvolvimento psicológico saudável. A criação de políticas públicas a partir do diálogo multisetorial entre família, meios de comunicação, escolas e a comunidade científica, bem como uma pesquisa translacional entre diferentes disciplinas que tocam a realidade do adolescente se revela fundamental. Faz-se necessário mais investimento em pesquisas em psicologia focadas nas especificidades sociais e culturais da população brasileira a fim de ampliar o conhecimento da realidade biopsicossocial do adolescente no país.

Palavras-chave: adolescência, gravidez precoce, sentido da vida, família, desenvolvimento psicológico.

Abstract

Early pregnancy and other risk behaviors in adolescence represent a challenge for parents, teachers, scientists and the government. There is a great appreciation about the biological aspects that configure the risks to the physical health of mothers and babies. However, psychological and existential aspects are not as widespread to the general population through public policies. This study aims to elucidate the need to promote healthy psychological development in adolescence as the main factor for preventing early pregnancy. Through the literature review, it appears that parents and educators play a determining role in preventing adolescent risk behaviors. It is also observed that an education that integrates human sexuality that considers the capacity to love, the meaning of life, the understanding of the corporeality and the place of the adolescent in the world has a great influence on healthy psychological development. The creation of public policies based on a multisectoral dialogue between family, media, schools and the scientific community, as well as translational research between different disciplines that touch the reality of the adolescent is fundamental. It is necessary

to invest more in research in psychology focused on the social and cultural specificities of the Brazilian population in order to expand the knowledge of the biopsychosocial reality of adolescents in the country.

Keywords: adolescence, early pregnancy, meaning of life, family, psychological development

“Se tomamos o homem como ele realmente é, nós o fazemos pior. Mas, se o superestimamos, o promovemos ao que ele realmente pode ser.” Viktor Frankl

INTRODUÇÃO

O contexto da gravidez e outros comportamentos de risco na adolescência propõe desafios para pais, professores, a comunidade científica e o poder público. Longe de ser uma questão pessoal isolada, trata-se de um problema social que está direta e indiretamente relacionado com a cultura, a forma que a vida é compreendida, o valor da mulher, o papel do homem na parentalidade e o papel da sociedade como construtora da cultura.

O diálogo sobre o tema também traz desafios de cunho ético e moral, uma vez que está relacionado com o comportamento sexual da pessoa que por sua vez traz em si normas culturais, religiosas, ideológicas e que em muitos casos se revelam diferentes para cada grupo e cada indivíduo.

As ciências psicológicas, assim como toda ciência, não tem o papel de impor regras para o comportamento sexual, muito menos servir como instrumento de controle que possa ser usado para privar o ser humano de seus direitos fundamentais, especialmente neste caso, os direitos sexuais.

Através da pesquisa e do debate científico, a psicologia constrói conhecimento acerca do comportamento humano, dos diferentes transtornos psicológicos e diferentes formas de sofrimentos de fundo psíquico e seus possíveis tratamentos, assim como suas causalidades e consequências para a saúde integral do ser humano. Tais conhecimentos iluminam o caminho para que cada pessoa possa viver melhor e servem como fundamentos para o desenvolvimento de políticas públicas, visando a construção de uma sociedade mais saudável.

Como toda ciência, a psicologia tem seus limites, ela é um conhecimento refutável que vai se construindo à medida que o ser humano se desenvolve, evolui e a sociedade se transforma com o passar do tempo. Tendo suas bases na filosofia e também na medicina, o início da psicologia é marcado pela conhecida obra de Sigmund Freud, que demonstrou, entre outras coisas, como a repressão sexual afeta a saúde psíquica, desencadeando neuroses e transtornos. Foi em meados do século XX que Viktor Frankl apontou a inflação sexual como uma compensação da frustração existencial e foi no final do mesmo século que Zygmunt Bauman descreveu o amor líquido como expressão de uma cultura consumista que favorece o produto pronto, o prazer passageiro, a satisfação momentânea e resultados que não exigem esforços prolongados. (Bauman, 2004, p. 21-22).

O psicólogo, como um cientista do comportamento humano, se torna, por necessidade de sua profissão, um observador clínico da sociedade e através deste lugar privilegiado é capaz de transformar suas observações em novos conhecimentos através da pesquisa e do debate profícuo com outros pesquisadores sob os parâmetros seguros da ciência.

É neste contexto que psicólogos se colocam como observadores do comportamento dos adolescentes da sociedade brasileira e de sua relação direta e indireta com o mundo dos adultos, nos papéis de pais, professores, cientistas, artistas, juristas, formadores de opinião, profissionais da saúde, servidores e representantes do poder público, com o objetivo de contribuir para o diálogo translacional e multidisciplinar para a construção de uma sociedade mais saudável para as mais jovens gerações e as que virão. O sucesso de uma sociedade é medido pelo sucesso das próximas gerações.

A análise do contexto psicossocial do adolescente no Brasil é uma tarefa difícil, pois há que se considerar a imensidão geográfica e a diversidade cultural. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018 nasceram 432.460 bebês de mães adolescentes. Contudo, a média por região do país é bem diferente, com o norte apresentando a taxa mais elevada de 21,03% e o sul o menor índice de 12,10%.

A sexualidade compreende três dimensões básicas, que são a biológica, a psicológica e a cultural. (Basson, 2006). Embora, haja tendência de se considerar estas dimensões separadamente, elas são inseparáveis. (apud. Dalgalarondo, 2008).

No que se refere aos aspectos biológicos e psicológicos, a compreensão do que é saudável é mais ampla, pois a literatura mundial é mais extensa e o ser humano da Ásia, da Europa, da África, Oceania, América do Norte, Central e outros países da América do Sul não se difere tanto do ser humano brasileiro, mas os aspectos culturais exercem influências significativas e são bastante específicos em cada micro-região. Isto não significa que o indivíduo não seja capaz de viver de forma diferente à sua cultura, pois é justamente assim, pela atitude de alguns poucos, que grandes transformações culturais acontecem. Foi o caso de Marie Curie que, apesar da cultura de sua época não promover o desenvolvimento acadêmico da mulher, dedicou-se ao estudo e tornou-se a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel e também a primeira mulher a se tornar Professora da Universidade de Paris.

Existe uma extensa argumentação acerca dos riscos da gravidez na adolescência e as consequências para o comportamento sexual de risco nesta fase da vida. Contudo, ainda que existam muitas pesquisas sobre os aspectos psicológicos que influenciam no comportamento de risco dos adolescentes, pouco é conhecido pelos pais e a sociedade em geral. Estes conhecimentos devem ser mais disseminados, pois servem como bases para a prevenção. Griffa e Moreno (2008) reproduzem o que afirmam Ruth Benedict e Margaret Mead sobre como a variável cultural é decisiva para o desenvolvimento do adolescente, não apenas os aspectos biológicos que se caracterizam pelas mudanças corporais, no que chamamos de puberdade, mas como a sociedade ao redor do adolescente interage e valoriza sua vida.

O CONCEITO DE SAÚDE

O que é um desenvolvimento psicológico saudável na adolescência? A ideia de saúde é abrangente e segundo a Organização Mundial da Saúde, ela “é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a mera ausência de doença ou enfermidade”. Desta forma, o Estado brasileiro assume uma responsabilidade de grandes proporções quando a Constituição, em seu artigo 196 afirma que “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

No campo da psicopatologia, o conceito de saúde e de normalidade é muito controverso, pois existem casos extremos, nos quais as alterações comportamentais e mentais são de intensidade acentuada e de longa duração, mas existem situações que são limítrofes e o que é normal e anormal torna-se difícil de identificar. Isto também se faz presente na psicologia e em outras áreas da saúde. (Dalgalarondo, 2008)

O conceito de saúde psíquica também pode estar relacionado à capacidade que uma pessoa tem de encontrar o sentido para sua vida, mesmo diante do sofrimento, seja este sofrimento uma doença incurável ou a morte de um ente querido ou outras situações da vida. O psiquiatra Viktor Frankl argumenta em sua teoria da Ontologia Dimensional que o ser humano é formado por uma dimensão biológica, uma dimensão psíquica e uma dimensão noética e que esta dimensão noética não adoece.

Desta forma, mesmo uma pessoa profundamente enferma biopsíquicamente pode ainda ter uma existência essencialmente saudável.

Falar sobre a promoção da saúde do adolescente é, portanto, dar-se conta de que a realidade humana é complexa e que cada pessoa tem suas limitações e também suas capacidades que por vezes se encontram reprimidas ou adormecidas, resguardadas, mas em potência, aguardando o estímulo, o ambiente e as condições favoráveis para se desenvolver.

A prevenção da gravidez precoce não está relacionada a um transtorno psíquico, mas à uma gama complexa de variáveis biopsicossociais, o que requer um olhar translacional e uma análise mais profunda que não busque soluções superficiais e reducionistas. O poder público, em união com a sociedade civil, não deve se dobrar à cultura líquida, deve sim, por outro lado, fomentar uma transformação cultural que vise fomentar práticas saudáveis e fortalecer o indivíduo diante dos desafios que a vida propõe.

A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA

O termo 'adolescência' vem de *adolescētia* que significa período de crescer, de desenvolver-se. É um período de crescimento físico e psíquico. É consenso na literatura que este é um período de transformações biológicas e físicas, ou seja, a pessoa não está pronta, ela não está apta para responder totalmente por seus próprios atos nem para tomar decisões definitivas que possam afetar toda sua vida. É também por isso que do ponto de vista jurídico, o jovem só é considerado apto para casar-se, tirar carteira de motorista, votar ou realizar atos de compra e venda aos 16, 18 ou 21 anos.

Sabe-se que os ritos de passagem nas sociedades tribais primitivas eram breves e seguia normas rígidas, as crianças eram instruídas a se defender e obter alimento e a partir daí já assumiam as responsabilidades de um adulto. Na atualidade, nas zonas urbanas e mais desenvolvidas, os adolescentes precisam entrar no mundo do trabalho, mas para isso precisam ir para a faculdade, que pode durar cerca de cinco anos após o ensino médio e ainda se exige que tenham anos de experiência. Tudo isso contribuiu para o prolongamento cultural da adolescência. Enquanto que na zona rural e em lugares menos desenvolvidos, o adolescente ainda é inserido no mundo do trabalho mais cedo. Portanto, a duração da fase adolescente varia não só com as épocas, os países e as culturas, mas também dentro de uma mesma comunidade. (Griffa, 2008 p. 9)

O termo puberdade vem do latim *pubertate* que significa 'idade viril' e do verbo *pubescere*, que significa 'cobrir-se de pê-los na região púbica'. A puberdade marca o tempo de início da adolescência que é um período de grandes transformações físicas, o que representa um desafio significativo para a mente que deve dar conta de todas as mudanças e ainda se estabelecer nas interações sociais onde as pessoas emitem constantemente um julgamento sobre o adolescente.

Françoise Dolto descreve esse período como um tempo de sofrimento e até mesmo adoecimento, como um purgatório, similar ao sofrimento do parto, de um segundo nascimento psicológico. Contudo, dentro de um ambiente de segurança proporcionado pelos adultos, a adolescência pode ser um tempo de felicidade. Há descobertas e desbravamentos de novas possibilidades que representam a construção de sonhos, a experimentação de diferentes pontos de vista sobre a vida, sobre si mesmo e sobre o mundo.

Na prática clínica é comum ouvir dos adultos que alguns dos momentos mais felizes de suas vidas aconteceram justamente durante a adolescência e muitos dos melhores amigos se remontam a esta época da vida.

Grandes atletas da história mundial iniciaram suas conquistas experimentando e desenvolvendo suas habilidades e sonhos na adolescência. Grandes artistas de diferentes campos da arte também iniciaram e desenvolveram suas habilidades a partir de uma idade muito

tenra, seja na infância ou na adolescência. Embora o cérebro não esteja completo, o ambiente propício e a motivação dos pais e outros adultos são essenciais para o que o adolescente encontre um campo fértil para desenvolver suas potencialidades.

A imagem a seguir demonstra a evolução do cérebro de uma criança de 4 anos até o cérebro de uma pessoa de 22 anos. É possível verificar que há uma grande transformação neste período, entre elas o volume de substância cinzenta que diminui com o passar dos anos, mas aumenta sua densidade dentro do cérebro. Isto representa mudanças que envolvem as emoções, o julgamento, organização do comportamento e autocontrole. (Figura 1.1).

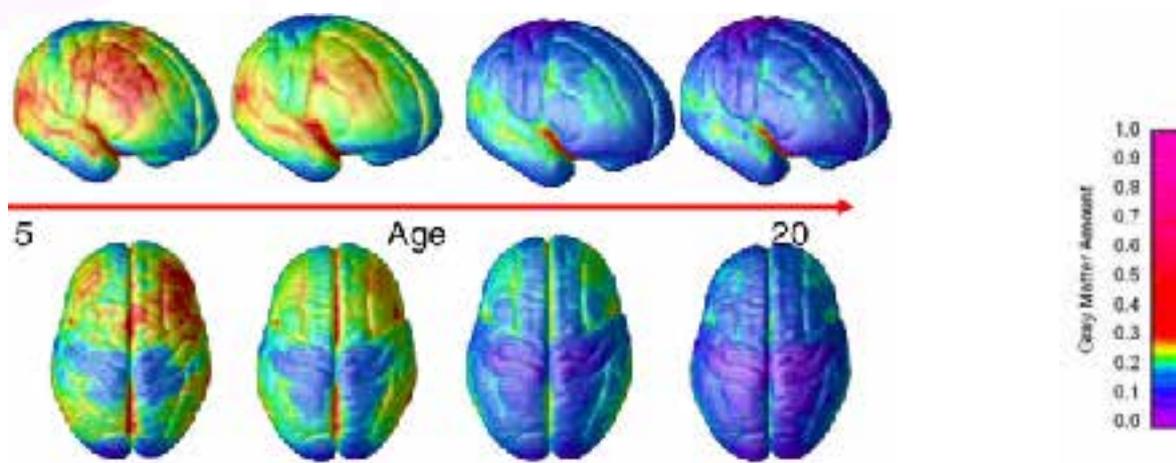


Figura 1.1 - Imagens de IRM de crianças e adolescentes saudáveis entre a idade de 4 anos e 22 anos. A cor vermelha indica mais substância cinzenta, azul menos substância cinzenta. A substância cinzenta diminui em uma onda inversa à medida que o cérebro amadurece e conexões neurais são desativadas. Fonte: Gogtay et al., 2004.

Segundo Laurent Steinberg (2007) a lacuna temporal entre a puberdade, que impele os adolescentes à busca de emoção, e a lenta maturação do sistema de controle cognitivo, que regula esses impulsos, torna a adolescência um período de elevada vulnerabilidade para comportamentos de risco. Esta visão de adolescentes assumindo riscos ajuda a explicar por que as intervenções educacionais destinadas a mudar o conhecimento, crenças ou atitudes dos adolescentes têm sido amplamente ineficazes e sugere que mudar os contextos em que ocorre o comportamento de risco pode ser mais bem-sucedido do que mudar a maneira como os adolescentes pensam sobre risco.

Desta forma, pode-se destacar que as políticas públicas que têm um foco apenas na conscientização acerca dos riscos não são eficazes. Campanhas publicitárias, palestras e aulas voltadas apenas para os adolescentes não promovem uma mudança no contexto, elas devem envolver toda a sociedade, especialmente pais e professores. Também são ineficazes as

campanhas que tem apenas o objetivo de informar. Não é por acaso que os professores enfrentam grandes dificuldades quando decidem apresentar informações que requerem o controle dos impulsos para os adolescentes, além deles verem isso como uma proibição, seu cérebro lhes diz que a busca pela emoção e seguir o comportamento do grupo é mais forte que sua capacidade de controle dos impulsos. É quando o comportamento do adolescente se demonstra para os adultos como rebelde. Mas, o fato é que nós adultos estamos errando na forma que lidamos com os adolescentes.

O papel da educação é preparar as crianças e adolescentes para a vida adulta, esta vida, como sabemos, é carregada de grandes desafios, novas responsabilidades para cuidar de si mesmo, cuidar de uma família, responder aos superiores no trabalho e respeitar os colegas, responder às demandas sociais, exercer seu papel na sociedade, seus deveres cívicos, lidar com a morte, a doença, as decepções e tantas outras demandas que a vida propõe. Esta preparação acontece também através do treinamento que começa desde os primeiros anos, quando ensinamos a criança a esperar o almoço para depois comer a sobremesa.

Ainda que o sistema de controle de impulsos não esteja pronto na adolescência isso não significa que devemos deixar ele sem controle, muito pelo contrário, esse controle precisa ser treinado, não porque pais e professores são generais sádicos que querem impor sua autoridade, mas porque a possibilidade desse adolescente viver a felicidade está diretamente relacionada à sua capacidade de se vincular com outras pessoas em uma relação de amor e isso só se dá com o desenvolvimento da capacidade de olhar o outro, ter empatia. Isso também significa suportar o sofrimento, superar o egocentrismo, ter resiliência.

Um estudo com jovens das cidades de Nova York e Los Angeles demonstrou um desempenho cognitivo diminuído sob estimulação emocional negativa breve e prolongada em jovens de 18 a 21 anos em relação a adultos com mais de 21 anos. Essa redução no desempenho foi acompanhada pela diminuição da atividade no circuito fronto-parietal, implicada no controle cognitivo, e aumentada atividade sustentada no córtex pré-frontal ventromedial, envolvida em processos emocionais. (Cohen, 2016).

Isso significa que ante o estresse causado pela gravidez precoce, por exemplo, o desempenho cognitivo do adolescente é diminuído em relação ao desempenho de uma pessoa com mais de 21 anos. Ser pai e mãe não é uma missão fácil, especialmente se você está disposto a amar e cuidar bem do seu bebê. Todos que já tiveram filhos sabem o quanto é exigente e ao mesmo tempo o quanto que é gratificante. Um casal adulto saudável, dentro de um relacionamento estável e saudável, tem grandes chances de viver os momentos mais felizes de suas vidas quando experimentam o nascimento de um filho e compartilham essa experiência regados no amor e no respeito mútuo. São essas as experiências que devemos desejar para nossos adolescentes. É nosso dever como adultos protegê-los de contextos que potencializam comportamentos de risco.

O ADOLESCENTE EM BUSCA DE SENTIDO

A gente não quer só comida
Quer comida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer

A gente não quer só comer
Quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade
(Marcelo Fromer - Titãs)

O que o adolescente quer? Se fizermos essa pergunta direta para um adolescente é possível que logo diga o nome de um videogame ou um smartphone, porque seu cérebro está focado em busca de emoções, mas se dermos a chance de pensar bem e lhe dermos a possibilidade de desenvolver seus conhecimentos, é possível que diga que quer poder realizar seus sonhos quando for adulto. Esta perspectiva da vida, a construção de um propósito, é o tema principal da obra do psiquiatra vienense Viktor Frankl, sobrevivente de quatro campos de concentração.

Quando ainda era adolescente, com seus 15 anos, Frankl viveu uma situação na escola que o marcou. Seu professor de história disse que a vida nada mais era que um processo de combustão e oxidação, Frankl rapidamente se levantou e perguntou: “mas, então, qual o sentido da vida?”. Mais tarde, já como médico, tratou jovens, moças e rapazes, muitos com ideações suicidas e pôde experimentar na pele os extremos da segunda guerra mundial. Suas experiências enriqueceram uma teoria que se tornaria conhecida no mundo todo, a Logoterapia e Análise Existencial.

Ao criar o conceito da Ontologia Dimensional, em que o ser humano deve ser visto a partir de suas três dimensões, inseparáveis, em uma unidade na multiplicidade (*unitas multiplex*), formada pelas dimensões biológica, psicológica e noética, Frankl defende que “o ser humano precisa de uma certa medida de tensão, de uma medida saudável e doseada de tensão. Não se

trata de homeostase a qualquer preço, mas sim de noodinâmica”. Esta noodinâmica representa “o campo de tensão polar que se abre entre o homem e o sentido, ininterrupta e irrevogavelmente nele expectante, da sua realização” (FRANKL, 2003, p. 7).

O professor de Harvard Dana Farnsworth afirmou que “A grande doença de nosso tempo é a falta de objetivo, o tédio, e a falta de sentido e propósito.” (apud. Frankl, 2003, p. 6).

Ante esta realidade, Frankl afirma que tais problemas não são propriamente de natureza médica, mas antes de natureza filosófica, ainda que muitos pacientes procurem o psiquiatra, muitos deles o fazem porque duvidam do sentido da sua vida ou porque perderam toda a esperança de o achar. Esta realidade Frankl chama de vazio existencial. (Frankl, 2003, p. 6).

Este vazio existencial não se trata de uma enfermidade, mas de uma neurose que ele dá o nome de neurose noogênica, pois tem sua gênese na dimensão existencial, noética. Esta realidade descoberta por Frankl de uma frustração existencial, um vazio existencial, está presente em muitos dos adolescentes em nossa sociedade e representa uma das principais causas de suicídio e violência.

Esta neurose, contudo, também pode ser sociogênica. Frankl afirma que nossa sociedade industrializada está em condições de satisfazer todas as necessidades humanas, e a sociedade de consumo cria novas necessidades; porém, a necessidade mais humana - a necessidade de encontrar e fazer realidade um sentido em nossas vidas - se vê frustrada por esta sociedade. Fenômenos como a adição, a violência e a depressão, se devem, em última análise, a um sentido de futilidade. (Frankl, 2003, p. 284).

Henry *et al.* (2013) demonstrou em um estudo com 2.936 adolescentes que a falta de sentido na vida explica como a vitimização leva à ideação suicida e que o efeito nocivo da vitimização na ideação suicida diminuiu à medida que o sentido da vida aumenta.

A mortalidade de crianças e adolescentes indígenas e provenientes de zonas rurais no Brasil é maior que a mortalidade de seus pares nas zonas urbanas. (Santos, 2020).

Numa discussão teórico crítica com a psicanálise, Frankl confronta o conceito de homeostase, apresentando que para o ser humano é mais saudável a vivência de uma certa tensão do que a esquiva das possibilidades de tensão, muitas vezes interpretada como a necessidade de realizar o prazer a qualquer preço.

O *logos* significa sentido e na prática, a logoterapia acaba por estabelecer um confronto entre a existência e o logos. Em teoria, não faz mais do que tomar o *logos* por motivação da existência. (Frankl, 2003, p. 97).

Desta forma, quando a pessoa está em busca do sentido da própria vida e percebe este sentido, ela é capaz de se aplicar na busca pela superação de dificuldades, saindo da posição de vítima, para construir algo que lhe traga sentido. O sentido também se faz presente em situações do dia a dia, como em tarefas a serem realizadas, como, no caso dos adolescentes, os estudos,

o esporte, a arte, interagir socialmente com os amigos, sair e se divertir com os pais e os irmãos, vivenciar momentos de entretenimento, desenvolver habilidades que auxiliem na criatividade.

O sentido também se refere ao serviço por uma pessoa amada. A configuração de relacionamentos afetivos saudáveis, regados de respeito e mútua apreciação, tais como vínculos de amizade e namoro são também caminhos para a construção do sentido, especialmente porque desenvolve no adolescente a empatia e a capacidade de perceber o outro como indivíduo único e repleto de dignidade, o que Viktor Frankl chama de 'captar a essência do outro'. Desta forma, este outro não é visto como um mero objeto de desejo do qual eu devo me utilizar para buscar o prazer, mas como alguém cuja presença traz sentimentos de alegria e conforto e por quem vale a pena ter gestos de amizade e cuidado.

A prevenção da gravidez precoce a partir de uma visão existencial deve se dar através da educação para o sentido da vida e, em especial, o sentido do amor.

Nunes (1987) afirma ser de fundamental importância “destacarmos a necessidade da crítica à sexualidade consumista, esta sim também desumanizador, reduzindo corpos e pessoas a um conjunto de experiências vorazes, ao mesmo tempo frustrantes e compensatórias de grandes ausências de sentido. [...] A sexualidade, vivida, na ansiedade quantitativa, somente poderá ser avaliada como busca desenfreada de sentido, vivenciada numa consciência invertida do real, absorvida com a fugacidade do medo de não-ser, com a marca indelével das forças da morte e dos caminhos da solidão obtusa, da incapacidade de amar, da plena importância de abrir-se ao mundo e aos demais semelhantes”. (apud. Freitas, 2015, p. 30).

De fundo, o que se dá por detrás do comportamento de risco dos adolescentes é a forma com que o ser humano vê e compreende a própria vida. Não se pode negar que teorias e crenças são desenvolvidas com o passar do tempo e são assimiladas como verdades que influenciam a construção da cultura. O papel das ciências é o de estar sempre revendo tais conceitos e colocando a prova as crenças da sociedade. Ao constatar comportamentos de risco que leva ao sofrimento e a morte, especialmente em adolescentes, não podemos nos privar do dever de colocar a prova a forma com que vivemos e construímos os sistemas que compõem nossa sociedade. Desta forma, os questionamentos filosóficos deixam de ser apenas teóricos, eles passam pela experiência clínica, pela vida experimentada na pele de tantos adolescentes e crianças em suas mais diversas realidades. A constatação é a de que algo está errado e não é apenas nos mais jovens, este mundo que os adolescentes encontram é construído pelos adultos.

Viktor Frankl, ao longo do século XX debateu com outros teóricos, afirmava que acima da busca pelo prazer e a busca pelo poder, o ser humano buscava primeiramente o sentido da vida. Mas, o que acontece se criamos uma crença amplamente disseminada de que o sentido da vida é a busca pelo prazer? Ou, até mesmo, a busca pelo poder?

“Enquanto o prazer configura efeito colateral da realização de sentido, o poder se constitui um meio para um fim, na medida em que a realização de sentido se achar vinculada a certas

condições e pressupostos sociais e econômicos. E quando a pessoa é motivada apenas pelo efeito colateral do 'prazer', ou quando se restringe tão só ao meio para a consecução de um fim chamado poder? Tenha-se presente que não se chegará à formação da vontade de prazer e da vontade de poder senão depois de frustrada a vontade de sentido. (Frankl, 1990, p.13).

É com fundamento nesta visão de que o ser humano busca o sentido da vida e se realiza através de uma certa tensão para se viver que Frankl defende uma educação para a responsabilidade: “Mais do que nunca a educação há de ser educação para a responsabilidade. Ser responsável é ser seletivo, possuir capacidade para escolher. Vivemos numa sociedade afluyente, estamos superexcitados pelos meios de comunicação de massa e vivemos na idade da pílula. Se não quisermos sucumbir na total promiscuidade desta avalanche de sensações, devemos aprender a distinguir o que é essencial do que não é, o que tem sentido do que não tem, o de que possa alguém ser responsabilizado daquilo que escapa à liberdade de agir”. (Frankl, 1990, p.19).

Vivemos em uma época de sentimento de falta de sentido que se difunde rapidamente. Em nossa época, a educação deveria ocupar-se não somente em transmitir conhecimento, mas também em aguçar a consciência para que o homem seja capaz de escutar em cada situação a exigência nela contida (Frankl, 1994, p. 31). Em uma época como a nossa, ou seja, uma época de vazio existencial, a principal tarefa da educação, em lugar de dar-se por satisfeita com a transmissão de conhecimentos e tradições, é a de aperfeiçoar essa capacidade que permite o homem descobrir sentidos únicos. A educação [...] deve promover a capacidade de tomar decisões de maneira independente e autêntica (Frankl, 2011, p. 67).

O vazio existencial apresenta sintomas, tais como a depressão, a dependência química e a agressão. Mas, também, acrescenta a inflação da sexualidade. Frankl (2003) afirma que “o instinto sexual hipertrofia-se facilmente, tendendo a ocupar o espaço deixado pelo vácuo existencial. Como todas as inflações, também a inflação sexual anda de braço dado com uma desvalorização: hoje em dia, a sexualidade vai-se desvalorizando na mesma medida em que se vai desumanizando. Em Frankl (2005), “observamos uma tendência para viver a vida sexual não integrada na vida pessoal, mas apenas como uma busca de prazer. Tal despersonalização do sexo é um sintoma de frustração existencial.” (apud. Freitas, 2015, p. 35).

O SENTIDO DO AMOR

O discurso frequente de jovens e adultos solteiros acerca dos aspectos amorosos é a vontade de encontrar alguém. Os seres humanos são seres sexuais, mas mais do que isso, são seres relacionais complexos, o sexo é apenas uma área da vida que é regada por diversos interesses de relacionamentos afetivos. As pessoas querem ser compreendidas, querem partilhar suas ideias, seus gostos, suas novas experiências, querem criar, divertir, explorar, experimentar sentimentos não apenas ao lado de alguém, mas com alguém.

À construção de relacionamentos afetivos profundos damos o nome de amor. Os gregos dividiram este conceito em três características: o amor Eros, que se refere ao amor apaixonado, o amor Philia que se refere ao amor entre amigos e o amor Ágape que se refere ao amor doação. Estes três tipos de amor podem estar presentes em uma única pessoa amada e podem estar também separados nos diversos tipos de relacionamentos que o ser humano é capaz de viver. Mas, em todos estes tipos de amor, há um respeito, uma admiração, uma empatia que se revela na alegria de se estar perto destas pessoas. Podem ser os membros da família, os amigos e especialmente a pessoa amada.

O amor que é desejado requer maturidade, pois significa sair de si para reconhecer o papel do outro. Se o amor pode trazer a felicidade e para amar é preciso ter maturidade, amadurecer é um caminho para a felicidade, mas o amadurecimento requer treinamento, controle dos impulsos, amor próprio, resiliência, desenvolvimento cognitivo e emocional, e tudo isso leva tempo.

O amor é um fenômeno humano no sentido exato da palavra. É um fenômeno especificamente humano, quer dizer: não se pode reduzir, sem mais, a um fenômeno sub-humano, nem de um fenômeno sub-humano se pode deduzir. Enquanto 'fenômeno originário' que, como tal, é impossível reduzir a alguma coisa que 'a rigor' esteja por trás dele, o amor é um ato que caracteriza a existência humana no que ela tem de humano; por outras palavras, um ato existencial. Mais ainda: é o ato coexistencial por excelência. (Frankl, 2003, p. 176).

Frankl apresenta o conceito de autotranscendência como a essência da existência e assegura que a existência não é apenas intencional, mas também transcendente. O ser humano está direcionado a algo além de si mesmo e tem uma capacidade de alcançar além de si, especialmente ao outro, no amor e no serviço. A essência da existência humana, diria eu, radica na sua autotranscendência. Ser homem significa, de per si e sempre, dirigir-se a ordenar-se a algo ou a alguém: entregar-se o homem a uma obra a que se dedica, a um homem a quem ama, ou a Deus a quem serve. (Frankl, 2003, p. 45).

Essa autotranscendência quebra os quadros de todas as imagens do homem que, no sentido de algum monadologismo¹, representem o homem como um ser que não atinge o sentido e os valores para além de si mesmo, orientando-se, assim, para o mundo e interessando-se

exclusivamente por si mesmo, como se lhe importasse a conservação ou o restabelecimento da homeostase. “O monadologismo ignora que, como demonstraram von Bertalanffy², Goldstein, Allport e Charlotte Buhler, o princípio da homeostase não vale geralmente na biologia, e muito menos na psicologia” (Frankl, 2003, p. 45).

A dimensão da minha corporeidade encontra seu valor e sentido, sua consagração humana, quando realmente é um meio de expressão do amor autêntico ao Tu. Ao mesmo tempo, o poder de amar genuinamente leva à busca da simplicidade na presença e na aparência corporal. A ênfase na beleza corporal, nem sempre permite captar o Tu e amá-lo como é. É mais frequente a ênfase na beleza física quando se busca parecer atraente, mas, realmente, é a descoberta e a revelação do fundo espiritual da própria vida o que faz com que amemos e sejamos amados (Pareja-Herrera 2007, p. 222).

DILEMAS DA MORALIDADE SEXUAL

Enquanto os adultos se levantam para questionar o comportamento sexual dos adolescentes, a mãe justa da existência aponta seu olhar de questionamento sobre o comportamento sexual dos adultos. Afinal, qual a realidade sobre o comportamento sexual no Brasil? A moralidade em torno da sexualidade não é um tema de consenso, o Brasil é um país plural em suas culturas e na origem de seu povo. A cultura judaico-cristã, presente em todo o ocidente, exerce forte influência no conceito de família e sociedade e se multiplica no Brasil através de várias denominações religiosas, umas de cunho mais conservador, outras menos. Estas culturas, por sua vez, se chocam com as culturas indígenas, africanas, asiáticas, seculares, agnósticas, ateias ou religiosas de diferentes formas.

Tudo isto faz com que o tema sexual encontre tons de sacralidade por um lado e tons de naturalismo por outro, mas que podem ser considerados pecaminosos para os primeiros.

É importante destacar esta dinâmica de diferentes pontos de vista para que a ciência possa desmistificá-los, por assim dizer. Pois, se há um lugar possível de diálogo entre os diferentes influenciadores da cultura, este lugar tende a ser a luz da ciência. No frígido dos ovos, a tendência é que a cultura, influenciada ou não pela religião, se fundamente nos pilares da racionalidade, ao menos, sempre que isto acontece, há uma evolução social. Um exemplo é que séculos passados as próprias religiões concordavam com a submissão cega da mulher, outras aprovavam o sexo de adultos com crianças. Com o passar do tempo e o desenvolvimento das ciências humanas, estas atitudes deixaram de ser apoiadas.

É importante destacar o papel inestimável do diálogo. O que é possível aprender ao longo da história é que o ser humano tende a buscar o que considera melhor. Desta forma a rigidez da polarização não auxilia para o desenvolvimento.

O cenário atual apresenta dilemas relacionados não apenas com a sexualidade, mas com os valores em geral. O cidadão comum se pergunta se deve ser mais liberal ou mais conservador, se o que outrora era um valor continua sendo ou não. As tecnologias da internet, através das redes sociais, escancaram as portas do mundo com incansáveis e intermináveis realidades de grande estímulo visual e emocional que provoca instabilidade no ambiente social e familiar. Há aromas de conflito de gerações e conflito de ideias, choques culturais e choques políticos e se o adulto se vê inseguro em um ambiente pantanoso, quem dirá os adolescentes!

O que é certo e o que é errado? A lógica nos sugere juntar as informações de todos os lados, analisar os fatos e julgar o que se deve fazer. Desta forma, a rigidez é frágil, pois o apego a apenas um ponto de vista não vai ajudar a enriquecer o conhecimento e chegar a uma solução.

Os mais velhos podem dizer que antigamente o comportamento sexual era mais respeitoso, ainda que em alguns casos isso possa ser verdadeiro, é também verdade que as relações extra-conjugais sempre existiram, com a diferença que antes as mulheres tinham mais dificuldade para se separar, pois eram mais dependentes financeiramente. É fato também que os abusos sexuais sempre aconteceram, especialmente dentro do ambiente familiar, a pedofilia acontecia com grande frequência, com a diferença de que hoje em dia a sociedade possui muito mais mecanismos de proteção para a mulher, a criança e o adolescente. Para se ter uma ideia, a categoria de “abuso sexual infantil” só se consolidou em meados do século XX. (Herbert, 2014, p. 25).

Nos Estados Unidos os estudos sobre sexualidade e seus desvios começaram entre as décadas de 1930 e 1950. Durante as décadas de 1970 e 1980 o governo americano, em união com o governo canadense financiou várias pesquisas multidisciplinares para diminuir a violência sexual infantil. O *Committee on Sexual Offences Against Children and Youths*, formado por médicos e juristas apresentou relatórios para várias áreas de atuação do poder público, inclusive para o Ministério da Educação sugerindo a implementação de programa nacional de educação continuada, com foco na promoção da saúde e nas necessidades específicas de jovens e de crianças, visando a prevenção de abuso sexual. O comitê apontou, no relatório, que o desenvolvimento da sexualidade humana era um processo gradual, que levaria tempo de maturação até atingir equilíbrio entre corpo e espírito, crescimento físico e maturidade mental e emocional. Desta forma, a lei deveria proteger todos aqueles que ainda não atingiram tal equilíbrio e autonomia sexual. Foi aí que estabeleceu-se, no código penal canadense, pena para quem tivesse relação sexual com alguém de 16 anos ou menos, com agravante nos casos de crianças com menos de 14 anos e em casos de incesto. (Herbert, 2014, p. 74).

Nota-se que a evolução da compreensão sobre sexualidade está diretamente ligada à compreensão acerca da psicologia do desenvolvimento de crianças e adolescentes e também estreitamente relacionada com iniciativas públicas e privadas de incentivo à pesquisa multidisciplinar para a criação de políticas públicas e delineamentos jurídicos que protejam os mais jovens. Esta compreensão multidisciplinar não seria capaz se não fosse pelos avanços da

medicina, da filosofia, a educação e em especial a psiquiatria em consonância com a psicologia.

Este processo evolutivo continua e não pode parar. Pois, hoje, não apenas se sabe que os adolescentes não atingiram a maturidade emocional, mas que sua qualidade de vida pode ser melhor se o contexto em que vivem estiver melhor estruturado.

AS TRANSFORMAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA E A GRAVIDEZ

Mais de 90% das adolescentes grávidas descrevem suas gestações como não planejadas, e 50% das gestações adolescentes ocorrem dentro de seis meses da iniciação sexual (Klein e AAP Committee on Adolescence, 2005). (Papallia p. 433).

Sendo um acontecimento com tantas repercussões para a vida, seria um equívoco afirmar que a adolescente tomou uma decisão em seu pleno estado de maturidade psíquica e tendo ciência clara das repercussões que isto traria para o resto de sua vida. O que lhe faltou? Partindo de um ponto de vista reducionista, alguém diria que lhe faltou informação sobre como deve ser um sexo seguro ou sobre os métodos contraceptivos, contudo faz-se necessário um olhar mais amplo, que considera a pessoa em sua integralidade, desta forma, é possível argumentar que lhe faltaram perspectivas, oportunidades de desenvolvimento pessoal, estudo, trabalho, caminhos para construir sonhos, consciência e valorização de si mesma, dos limites e potencialidades de seu próprio corpo, de sua sexualidade e de seu papel no mundo e também informação.

Uma análise histórica demonstra que a média de idade da menarca em meninas caiu de mais de 14 anos antes de 1900 para 12 anos e meio na década de 1990. Em média, as meninas negras menstruam pela primeira vez 6 meses antes das meninas brancas (S. E. Anderson, Dallal e Must, 2003). Com base em fontes históricas, os cientistas do desenvolvimento encontraram uma **tendência secular** – uma tendência que abrange diversas gerações – no início da puberdade: uma diminuição nas idades em que a puberdade começa e quando os jovens atingem a altura adulta e a maturidade sexual (S. E. Anderson et al., 2003). Uma explicação proposta para a tendência secular é um padrão de vida mais elevado. Poderia se esperar que crianças saudáveis, mais bem nutridas e mais bem cuidadas amadurecessem mais cedo e ficassem mais altas (Slyper, 2006). (apud. Papallia p. 391-392)

Acompanha-se nestas perspectivas de desenvolvimento físico, os aspectos psicológicos, pois a compreensão acerca das fragilidades da criança e do adolescente e seu processo de desenvolvimento também representaram uma proteção maior, o que conseqüentemente se traduziu em menos estresse psíquico e mais qualidade de vida e mais saúde integral. Nos meios mais desenvolvidos as crianças deixaram de ter que trabalhar desde cedo e sofrer penalizações pesadas por não cumprir perfeitamente suas responsabilidades.

Uma combinação de influências genéticas, físicas, emocionais e contextuais, incluindo nível socioeconômico, toxinas ambientais, dieta, exercício, gordura e peso corporal pré-puberais, e doença ou estresse crônico, podem afetar as diferenças individuais na época da menarca (Belsky, Steinberg et al., 2007; Graber, Brooks-Gunn e Warren, 1995). (apud. Papallia p. 392)

A relação entre os aspectos emocionais e os aspectos biológicos está largamente documentada em diversos livros e artigos acadêmicos tanto das áreas médicas, quanto psicológicas. Embora, muitos pais e professores, ainda nos dias atuais, não dêem crédito para estes conhecimentos.

O PAPEL DO HOMEM NO CONTEXTO DA PARENTALIDADE

É importante destacar que a gravidez não acontece apenas para a menina ou depende apenas dela. A ideia amplamente defendida em nossa sociedade de que o papel da mãe é mais importante que o papel do pai também se relaciona com a problemática da gravidez precoce. O homem é tão responsável quanto a mulher ou até mesmo mais responsável, especialmente quando há uma diferença em que o homem é maior de idade e a mulher é uma adolescente, o que acontece em muitos casos.

A ideia de que o homem deve ter sua iniciação sexual mais cedo também é um desencadeador de uma cultura que influencia na gravidez precoce. Em um grupo de adolescentes em que a maioria dos meninos está motivada pelos pais e pela própria sociedade a iniciar sua vida sexual o quanto antes, certamente haverá um investimento para convencer as meninas desse grupo a ter relações sexuais. Contudo, o problema nestes casos, não é a relação sexual em si, mas os motivos pelos quais ela acontece. A ideia de que o menino deva iniciar a vida sexual o quanto antes para provar uma pretensa masculinidade desejada pelos pais não encontra nenhuma comprovação científica, de modo que ter relações sexuais na adolescência não garante para o menino uma heterossexualidade, muito menos uma sexualidade saudável. Estes mitos se fazem presente em muitos lugares dentro da sociedade brasileira.

Pilon (1984) em um estudo com 634 pessoas de 14 a 21 anos em escolas da cidade de São Paulo revela que 73,2 por cento dos rapazes afirmavam ter tido relação sexual, para 12,6 por cento das moças. Nas últimas décadas este número tem mudado, uma vez que a mulher conquista um espaço de mais liberdade na expressão de sua sexualidade e também no mundo do trabalho, mas a ideia de uma sexualidade objetal, experimental e sem vínculos afetivos não se mostra saudável para ambos homem e mulher e a chamada masculinidade tóxica ainda se faz presente apesar das mudanças atuais.

A supervalorização do ato sexual como uma experiência desconectada de uma relação afetiva saudável traz uma pretensa e equivocada concepção de orgulho para os rapazes,

desviando-os do sentido de uma masculinidade desejável em que o jovem se torne um homem de caráter, capaz de viver uma relação de complementariedade, respeito e empatia na construção de uma família.

Ellis *et al* (2003) revela que muitas das meninas que engravidaram na adolescência cresceram órfãs de pai. Hillis *et al* (2004) apresenta um estudo com 9.159 mulheres em uma clínica de cuidados primários na Califórnia que demonstrou que as que haviam engravidado na adolescência tinham maior probabilidade, quando crianças, de terem sofrido abuso físico, emocional ou sexual e/ou terem sido expostas a divórcio ou separação dos pais, violência doméstica, uso de drogas ou terem um membro da família que era mentalmente doente ou envolvido em comportamentos criminosos. (apud. Papallia, p. 433).

As estatísticas não abrem espaço para generalizações, nem concepções deterministas sobre todas as causas da gravidez na adolescência, mas revelam tendências. A gravidez na adolescência pode ser um sintoma e tende a ser um sintoma de marcas emocionais prévias. Todas as situações expostas acima estão relacionadas com a figura masculina, seja por sua ausência, negligência ou autoritarismo. Estes dados revelam o quanto a figura do homem é importante e como as ações educativas voltadas apenas para a mulher são ineficazes e improdutivas. Há que se trazer o homem para o centro da conversa juntamente com a mulher.

Estudos de Goldscheider (2015) revelam que as mudanças ocorridas na família devidas ao que ele chama de 'revolução do gênero' tiveram um efeito positivo para a união da família. Em um primeiro momento, a entrada da mulher no mundo do trabalho gerou estresse na família, as taxas de fertilidade caíram em vários países da Europa, contudo, atualmente, as taxas de fertilidade que estão maiores atualmente são nos países em que as taxas de mulheres no trabalho também aumentaram. Isto se deve, especialmente ao fato de que houve uma maior aproximação do homem na família.

O crescimento da participação feminina na força de trabalho deve ser visto apenas como a primeira metade da revolução de gênero. A entrada das mulheres na força de trabalho pode de fato ter estressado as relações familiares, mas à medida que a segunda metade da revolução de gênero emerge lentamente - com os homens se juntando às mulheres na esfera privada da família - argumentamos que a revolução está na verdade fortalecendo as famílias. Goldscheider (2015).

Tais argumentações contribuem para o fato de que a valorização da mulher e sua integração no mundo do trabalho não significa um enfraquecimento da família, muito pelo contrário, representa o fortalecimento do papel do homem dentro da família, fortalecendo o desenvolvimento de uma relação de complementariedade, onde a possibilidade do ambiente familiar ser mais harmônico e saudável se amplia.

O PAPEL DOS PAIS

Não há um caminho fácil para ser pai e mãe. Os desafios de dar as boas vindas a um novo ser humano neste planeta são grandiosos e exigentes, demandam anos de atenção e dedicação. A melhor forma de transformar estes desafios em uma jornada de boas experiências é através do amor pelos filhos e entre os pais. A busca por soluções para a prevenção da gravidez precoce tem objetivo de proteger os adolescentes e também seus filhos que merecem viver em uma família estruturada e capaz de oferecer as melhores condições para a criança se desenvolver.

Paralelamente, esta análise analisa o papel dos pais dos adolescentes, meninos e meninas, pois sua atenção se mostra efetiva para a prevenção da gravidez precoce, bem como para outros riscos da idade.

Worthman (2016) demonstra que o período de maior impacto dos pais no desenvolvimento dos filhos ocorre na adolescência, com idade média de 12 anos. No estudo, os cuidadores articularam razões ecológicas e de desenvolvimento claras para essa visão, relacionadas à proteção tanto do potencial de desenvolvimento quanto contra riscos ecológicos poderosos e específicos do contexto (gravidez precoce, abuso de substâncias, violência e gangues) que surgem durante a adolescência. Esses riscos ameaçam o sucesso educacional, a saúde reprodutiva e o descarrilamento social, com consequências duradouras para o bem-estar vitalício, que os cuidadores estão altamente motivados a prevenir.

Um adolescente é capaz de ter responsabilidades, mas como verificou-se, suas capacidades cognitivas e emocionais não estão prontas e por isso as responsabilidades que assume devem ser proporcionais às suas capacidades. É desejável que o adolescente assuma tarefas que se referem ao cuidado de si mesmo, tais como organização do quarto, dos objetos pessoais, higiene pessoal, limpeza do seu próprio ambiente e suas roupas, estudos, exercícios físicos, e tarefas que se referem ao amadurecimento da noção de sociedade, que são tarefas colaborativas, tais como lavar as louças da casa, ajudar na limpeza dos espaços comuns, levar o lixo, ajudar a fazer comida, se unir com a família na construção de alguns projetos manuais e intelectuais, bem como tarefas voluntárias do grupo da escola ou outros grupos de amigos, instituições de caridade, esportes coletivos, entre outros.

Ferguson (2013) verificou que um crescente corpo de pesquisas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental documenta efeitos significativos do ambiente físico (toxinas, poluentes, ruído, aglomeração, caos e habitação, escola e qualidade da vizinhança) no desenvolvimento cognitivo e socioemocional de crianças e adolescentes. As exposições precoces à adversidade - tanto físicas (como aglomeração, pobreza) e psicossociais (como negligência ou abuso, aspereza dos pais ou conflito) foram associadas a riscos de saúde física e mental posteriores.

Crianças criadas na pobreza ou maltratadas por seus pais mostram maior vulnerabilidade a doenças vasculares, doenças autoimunes e mortalidade prematura. Um estudo afirma que

o estresse infantil é “programado” nos macrófagos por meio de marcações epigenéticas, modificações pós-traducionais e remodelação de tecidos. Como consequência, essas células são dotadas de tendências pró- inflamatórias, manifestando-se em respostas exageradas de citocinas ao desafio e diminuição da sensibilidade aos sinais hormonais inibitórios. O modelo prossegue, propondo que, ao longo da vida, essas tendências pró-inflamatórias são exacerbadas por tendências comportamentais e desregulação hormonal, eles próprios produtos da exposição ao estresse precoce. (Miller, 2011).

Do ponto de vista comportamental, o estudo postula que o estresse infantil dá origem a uma vigilância excessiva contra ameaças, desconfiança nos outros, relacionamentos sociais ruins, autorregulação prejudicada e escolhas de estilo de vida pouco saudáveis. Hormonalmente, o estresse precoce confere padrões alterados de descarga endócrina e autonômica.

Nota-se que apesar da pobreza ser um fator de grande influência para a saúde psicológica, ela não é por si só determinante e nem representa o fator principal. Adultos que cresceram em circunstâncias abastadas podem desenvolver problemas psicológicos tão graves quanto ou até mais graves se suas interações familiares na infância e adolescência foram desestruturadas, marcadas por violência e abandono. A forma com que os pais lidam com seus filhos e gerenciam o ambiente emocional das relações na dinâmica familiar, isto sim é determinante.

As expectativas educacionais mais elevadas dos pais para os adolescentes foram positivamente relacionadas à satisfação com a vida de seus filhos, duas décadas depois, por meio das expectativas, autoestima e nível de escolaridade das crianças. As expectativas dos pais foram associadas a uma maior auto-estima na adolescência por meio das expectativas dos adolescentes, que acabaram por prever a satisfação com a vida dos adolescentes quando adultos. (Jung, 2018).

Muitas pessoas dizem que a expectativa é a mãe da frustração, embora esta ideia faça sentido, no que diz respeito a frustração, pois só se frustra sobre algo que se espera, ela pode ser representar um impeditivo para que a pessoa tenha expectativa de algo. Na dinâmica da parentalidade é esperado que os pais tenham expectativa em relação aos filhos e isso é normal e faz bem, pois traz para os filhos, especialmente o adolescente a segurança de que seus pais acreditam no seu potencial. Esta expectativa é interpretada como um desafio motivacional para que o adolescente busque caminhos para responder ou superar às expectativas.

O contrário também é verdadeiro. É preciso lembrar que o adolescente não está pronto para construir sua família, ele é dependente e sua dependência não é apenas material, mas principalmente emocional, ele espera que seus pais o direcionem de alguma forma, oferecendo suporte, apoio, incentivo. Deste modo, ainda que os pais tenham consciência das limitações do filho, eles devem incentivá-los. É o que diz Goethe e Viktor Frankl reproduziu de forma contundente em uma palestra para estudantes norteamericanos: “Se tomamos o homem como ele realmente é, nós o fazemos pior. Mas, se o superestimamos, o promovemos ao que ele realmente pode ser”.

A tendência ao naturalismo, de tratar as coisas como elas são, prescindindo da possibilidade de um desenvolvimento consciente da qual a vida humana está munida, é um grande equívoco dos pais e das políticas públicas quando se trata de cuidar dos adolescentes. Como verificou-se, a necessidade de homeostase e a falta de tensão não se aplica a muitos outros seres vivos, muito menos ao ser humano.

A apologia ao uso de entorpecentes cujo fim é a diminuição das tensões também representa um grande risco para os mais jovens e está diretamente relacionado com a ideia de que a realização do ser humano está na ausência de tensão. Não é por acaso que Nietzsche sabiamente afirmava que “o conforto é a morte”.

Aos pais cabe executar a melhor forma de relação e esta forma de relação apresenta ao menos, três modelos: 1) Autoritário, quando os pais impõem regras sem diálogo, muitas vezes acompanhadas de punições severas e acompanhado a isto não oferecem nenhum tipo de afeto. Este modelo tende a gerar adolescentes rígidos, por vezes bem estudiosos, mas com baixa inteligência emocional e baixa auto-estima; 2) Indulgente, quando os pais oferecem todo tipo de afeto e são permissivos com todas as vontades e desejos dos filhos e acompanhado a isto não oferecem nenhum tipo de limite. Este modelo tende a gerar adolescentes com boa auto-estima, mas baixo desempenho nos estudos e no trabalho. 3) Negligente, quando os pais não oferecem nenhum tipo de limites e nenhum tipo de afeto. Este modelo é mais propenso a gerar adolescentes envolvidos com o mundo do crime, a violência, a dependência química e outros muitos comportamentos de risco.

Então, o que fazer? Como quase sempre, a solução está no equilíbrio. Pais que conseguem impor limites e oferecer afeto são mais propensos a conseguir criar um ambiente de diálogo e confiança que é essencial para o desenvolvimento psicológico saudável do adolescente.

O PAPEL DA SOCIEDADE

Nos países com as menores taxas de gravidez na adolescência, tais como Estados Unidos, Canadá e alguns países da Europa Ocidental, a sociedade tende a ver a gravidez na adolescência como um problema social e a tendência é que os adolescentes não se casem. Enquanto o Brasil apresenta 34.19 nascimentos para cada 1000 mulheres dentre 10 e 19 anos, países como Alemanha, França, Suíça, Espanha, Itália e Bélgica apresentam números inferiores a 4.0, os Estados Unidos apresentam uma taxa de 8.69, de acordo com números de 2016. (Institute for Health Metrics Evaluation, 2016). Estudos apontam que um status social subjetivo mais alto está associado com um bem estar psicológico melhor entre as mulheres que são mães de crianças pequenas. Michelson (2016). As mães adolescentes, além de enfrentarem os desafios das mudanças em seu corpo, a privação de muitas atividades próprias da idade, ainda enfrentam o estigma social que as julgam como irresponsáveis, descuidadas e até mesmo como pessoas

que não merecem o respeito da sociedade, fatores estes que afetam diretamente em um status social subjetivo baixo e, conseqüentemente, em menor bem estar psicológico.

As políticas públicas tem duas funções básicas, a primeira é a de prevenir a gravidez precoce, a segunda a de cuidar das adolescentes que engravidaram e de seus bebês. Neste contexto, estas duas funções não se excluem, embora sejam afetadas. Há que se cuidar para que as adolescentes grávidas não se sintam excluídas, nem menosprezadas, ao mesmo tempo também que o cuidado a elas não represente para os outros adolescentes que tal comportamento é recomendável.

Os pais adolescentes, também, tendem a ter recursos financeiros limitados, desempenho acadêmico deficiente e altas taxas de evasão escolar. Muitos pais adolescentes são eles próprios frutos de gravidez na adolescência. (apud. Papallia, 2013, p. 433)

A gravidez na adolescência frequentemente tem desfechos negativos. Muitas das mães são pobres e têm pouca escolaridade, e algumas são usuárias de drogas. Muitas não se alimentam adequadamente, não ganham peso suficiente e têm atendimento pré-natal inadequado ou nulo. Provavelmente seus bebês serão prematuros ou perigosamente pequenos, e terão um risco maior de outras complicações do parto: morte fetal, neonatal ou do lactente; problemas escolares e de saúde, abuso e negligência; e deficiências de desenvolvimento que podem prosseguir na adolescência (apud. Papallia, 2013, p. 433).

Bebês de mães adolescentes mais abastadas também podem correr riscos. Entre mais de 134 mil garotas e mulheres brancas, principalmente de classe média, aquelas de 13 a 19 anos de idade tinham maior probabilidade do que as de 20 a 24 anos de terem bebês com baixo peso ao nascer, mesmo quando as mães eram casadas e bem-educadas e haviam recebido cuidados pré-natais adequados. O cuidado pré-natal aparentemente nem sempre pode superar a desvantagem biológica de uma menina ainda em fase de crescimento cujo próprio corpo pode estar competindo com o feto em desenvolvimento por nutrientes vitais (Fraser et al., 1995). (apud. Papallia, 2013, 433)

É importante destacar que os riscos são muitos e eles não estão restringidos ao contexto social, a variável determinante dos riscos é a idade da adolescente.

As taxas de gravidez e de natalidade dos adolescentes no Brasil são maiores que nos Estados Unidos e as taxas dos Estados Unidos são muitas vezes mais altas do que em outros países industrializados onde os adolescentes iniciam a atividade sexual tão ou mais cedo (Darroch et al., 2001; Martin et al., 2005). As taxas de natalidade dos adolescentes nos últimos anos foram quase cinco vezes mais altas nos Estados Unidos do que na Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Itália, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça, e 12 vezes mais altas do que no Japão (apud. Papallia, 2013, 434).

Alguns estudos apontam as possíveis causas das taxas nos EUA serem tão altas, pode se inferir que estas mesmas causas estejam relacionadas às altas taxas no Brasil também. Alguns

observadores apontam fatores como menos estigmas em relação à maternidade sem casamento, a glorificação do sexo pelo mídia, a falta de uma mensagem clara de que sexo e paternidade são para adultos, a influência do abuso sexual infantil e a falta de comunicação dos pais com seus filhos. Comparações com a experiência europeia sugerem a importância de outros fatores: as meninas norte-americanas são mais propensas a ter múltiplos parceiros sexuais e são menos propensas a usar contraceptivos. (Darroch et al., 2001).

Países industrializados da Europa têm fornecido educação sexual abrangente e universal por um tempo muito maior do que nos Estados Unidos. Programas abrangentes encorajam os adolescentes a adiar a relação sexual, mas também visam melhorar o uso de contraceptivos entre adolescentes sexualmente ativos. Esses programas incluem educação sobre a sexualidade e a aquisição de habilidades para tomar decisões sexuais responsáveis e para comunicar-se com os parceiros. Eles fornecem informação sobre os riscos e as consequências da gravidez na adolescência, sobre métodos de controle da natalidade e sobre onde obter ajuda médica e contraceptiva. Programas voltados para meninos adolescentes enfatizam a sabedoria de adiar a paternidade e a necessidade de assumir a responsabilidade quando ela ocorre. (apud. Papallia, 2013, pg 434)

O problema da gravidez na adolescência requer uma solução multifacetada. Ela deve incluir programas e políticas para encorajar o adiamento ou a abstinência da atividade sexual, mas também deve reconhecer que muitos jovens tornam-se sexualmente ativos e necessitam de educação e informação para prevenir a gravidez e as DSTs. Ela requer atenção a fatores subjacentes que colocam os adolescentes e as famílias em risco – redução da pobreza, do fracasso escolar, dos problemas comportamentais e familiares, e aumento de empregos, treinamento de habilidades e educação sobre a vida familiar– e deve visar aqueles jovens com risco mais alto. Programas de intervenção precoce abrangentes para pré-escolares e estudantes do ensino fundamental têm reduzido a gravidez na adolescência. (apud. Papallia, 2013, 435).

Visto que adolescentes com altas aspirações são menos propensas a ficar grávidas, programas que motivam os jovens a alcançar e elevar sua autoestima têm tido algum sucesso. O Teen Outreach Program (TOP), iniciado em 1978, ajuda os adolescentes a tomar decisões, a lidar com as emoções e a relacionar-se com seus pares e com os adultos. Entre 1.600 estudantes no TOP e 1.600 em um grupo-controle, os participantes do programa tiveram aproximadamente metade do risco de gravidez em relação aos não participantes. (apud. Papallia, 2013, 435).

CONCLUSÃO

Verificou-se que a saúde psicológica do adolescente é fortemente influenciada pelo ambiente em que vive. As melhores práticas de prevenção de comportamentos de risco estão relacionadas à programas educativos que envolvem adolescentes, pais, professores e outros setores da sociedade. Pesquisas multidisciplinares e translacionais se fazem necessárias para o desenvolvimento de políticas públicas verdadeiramente efetivas e eficazes. A promoção do conhecimento psicológico nos meios de comunicação e nas escolas é um instrumento valioso de prevenção de comportamentos de risco e de promoção da saúde integral da criança e do adolescente.

É importante que a presença do psicólogo na escola seja mais valorizada e que sejam implementados programas de promoção das habilidades sócio-emocionais no sistema de ensino para alunos, professores e pais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Basson, R. (2006). Sexual desire and arousal disorders in women. *The New England Journal of Medicine*, 354, 1497-1506.

Cohen, A. O., Breiner, K., Steinberg L., Bonnie R. J., Scott E. S., Taylor-Thompson K., Rudolph M. D., Chein J., Richeson J. A., Heller A. S., Silverman M. R., Dellarco D. V., Fair D. A., Galván A. & Casey B. J. (2016). When Is an Adolescent an Adult? Assessing Cognitive Control in Emotional and Nonemotional Contexts. *Psychological Science* 27(4). <https://doi.org/10.1177/0956797615627625>

Dalgalarondo, P. (2008). Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. Artmed.

Darroch, J. E., Singh, S. & Frost, J. J. (2001). Differences in Teenage Pregnancy Rates among Five Developed Countries: The Roles of Sexual Activity and Contraceptive Use. *Family Planning Perspectives*, 33(6), p. 244-250. <https://doi-org.ez67.periodicos.capes.gov.br/10.2307/3030191>

Ellis, B. J., Bates, J. E., Dodge, K. A., Fergusson, D. M., Horwood, L. J., Pettit, G. S., & Woodward, L. (2003). Does father-absence place daughters at special risk for early sexual activity and teenage pregnancy? *Child Development*, 74, 801–821.

Ferguson, K.T., Cassells R. C., MacAllister J. W. & Evans G. W. (2013) - The physical environment and child development: an international review - *International Journal of Psychology*, 48(4), 437-468. <https://dx.doi.org/10.1080%2F00207594.2013.804190>

Frankl, V. E. (2003). Psicoterapia e sentido da vida. 4. Quadrante.

_____. (1990). Psicoterapia para todos. Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Vozes.

_____. (1994). La voluntad de sentido. Conferencias escogidas sobre logoterapia. 3. Herder.

_____. (2011). A vontade de sentido. Fundamentos e aplicações da logoterapia. Paulus.

Freitas, M. L. S. (2015). Educação Integradora da Sexualidade Humana - Resgate do Sentido do Amor. IECVF.

Gennatas, E., Avants B. B., Wolf, D. H., Satterthwaite, T. D., Ruparel, K., Ciric, R., Hakonarson, H., Gur, R. E. & Gur, R. C. (2017) Age-Related Effects and Sex Differences in Gray Matter Density, Volume, Mass, and Cortical Thickness from Childhood to Young Adulthood. *Journal of Neuroscience*, 37(20), 5065-5073. <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.3550-16.2017>

Gogtay, N. & Thompson, P. (2010). Mapping gray matter development: Implications for typical development and vulnerability to psychopathology. *Brain and Cognition*, 72(1), 6–15. <https://doi.org/10.1016/j.bandc.2009.08.009>

Goldscheider, F., Bernhardt E. & Lappegard T. (2015) The Gender Revolution: A Framework for Understanding Changing Family and Demographic Behavior June 2015. *Population and*

Development Review, 41(2), 207-239. <https://doi.org/10.1111/j.1728-4457.2015.00045.x>

Henry, K. L., Lovegrove, P. J., Steger, M. F., Chen, P. Y., Cigularov K. P. & Tomazic, R. G. (2013). The Potential Role of Meaning in Life in the Relationship Between Bullying Victimization and Suicidal Ideation. *Journal of Youth and Adolescence*, 43, 221-232.

Herrera, G. P. (2007). *Viktor Frankl comunicação y resistencia*. San Pablo.

Institute for Health Metrics Evaluation (2016). Adolescent birth rate in women aged 10-19 years, 2016. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/adolescent-fertility-ihme>

Jung, E., Hwang W., Zhang Y. & Zhang Ying (2018) Do Parents' Educational Expectations in Adolescence Predict Adult Life Satisfaction? *Family Relations*, 67(4), 552-566. <https://doi.org/10.1111/fare.12323>

Michelson, N., Riis J. L. & Johnson S. B. (2016)- Subjective Social Status and Psychological Distress in Mothers of Young Children. *Maternal and Child Health Journal*, 20, 2019-2029. <https://link.springer.com/article/10.1007/s10995-016-2027-8>

Miller, G.E., Chen E. & Parker K. J. (2011). Psychological stress in childhood and susceptibility to the chronic diseases of aging: moving toward a model of behavioral and biological mechanisms. *Psychological Bulletin*, 137(6), 959-997. <https://doi.apa.org/doi/10.1037/a0024768>

Negru-Subtirica, O., Pop, E. I., Luyckx, K., Dezutter J. & Steger, M. F. (2016). The meaningful identity: A longitudinal look at the interplay between identity and meaning in life in adolescence. *Developmental Psychology*, 52(11), 1926-1936.

<http://dx-doi.ez67.periodicos.capes.gov.br/10.1037/dev0000176>

Papallia, D. E., Feldman R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. 12. AMGH.

Pilon, A. F. (1984). *Desenvolvimento na adolescência: sexualidade, interação com os pais, companheiros e sexo oposto*. <https://doi.apa.org/doi/10.11606/T.6.2016.tde-28072016-091805>

Santos, E. S. (2020). *Heróis da nossa existência - O poder transformador do amor na vida humana. Busca Sentido*.

Santos, R. V., Borges, G. M., Campos, M. B., Queiroz, B. L., Coimbra Jr., C. E. A. & Welch, J. R. (2020). Indigenous children and adolescent mortality inequity in Brazil: What can we learn from the 2010 National Demographic Census? *SSM - Population Health*, 10. <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2020.100537>

Steinberg, L. (2007). Risk taking in adolescence: New perspectives from brain and behavioral science. *Current Directions in Psychological Science*, 16, 55–59.

Worthman, C., Tomlinson, M. & Rotheram-Borus M. J. (2016). When can parents most influence their child's development? Expert knowledge and perceived local realities. *Social Science & Medicine*, 154, 62-69. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2016.02.040>

SECRETARIA NACIONAL DOS
DIREITOS DA CRIANÇA
E DO ADOLESCENTE

MINISTÉRIO DA
MULHER, DA FAMÍLIA E
DOS DIREITOS HUMANOS



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL